

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIÊNCIAS DE ELABORAÇÃO DE UM GUIA DIDÁTICO PARA A FEIRA DO VER-O-PESO

Experiences for preparing a didactic guide to the Ver-o-Peso fair

Gleyce Thamirys Chagas Lisboa¹
Nívia Magalhães da Silva Freitas²
Nadia Magalhães da Silva Freitas³

Resumo: Propomo-nos, neste trabalho, apresentar os aspectos relevantes da nossa experiência de elaboração do guia didático “Feira do Ver-o-Peso: um espaço não formal e interdisciplinar de educação”. Na construção do guia, objetivamos apreender os múltiplos aspectos da referida feira, um espaço não formal e não institucionalizado de educação, para orientar o processo de ensino e de aprendizagem na visita ao local. Sua elaboração se deu no contexto de uma pesquisa participante, precisamente em um processo colaborativo com professores e alunos de uma escola da educação básica. Justificamos nosso empreendimento a partir de três pontos: (1) importância da feira como um local de conhecimento, com sua riqueza histórico-cultural, diversidade social e econômica; (2) carência de estudos e/ou proposições sistematizadas na área educacional, para a referida feira; (3) necessidade de constituição de um guia didático, na apreensão dos múltiplos aspectos do local, de modo a auxiliar professores no seu fazer docente. De um modo geral, o guia didático atingiu os objetivos propostos, no sentido de se constituir um recurso para o ensino e revelar a feira do Ver-o-Peso como importante local de conhecimento.

Palavras-chave: Espaço não formal de educação. Local de conhecimento. Interdisciplinaridade.

Abstract: We propose in this paper to present the relevant aspects of our experience in the formulation of the didactic guide "Ver-o-Peso Fair: a non-formal and interdisciplinary local for education". In the construction of the guide, we aimed to capture the multiple aspects of the fair, a non-formal space and not institutionalized education, to carry the process of teaching and learning in visitation to the local. This process took place in the context of a participatory research, precisely in a collaborative procedure with teachers and students of a basic education school. We justify our enterprise from three points: (1) the importance of the fair as a knowledge space, with its historical and cultural wealth, social diversity and economic; (2) lack of studies and/or proposals in the educational area, for the Ver-o-Peso fair; (3) the need to set up a didactic guide, in the apprehension of the multiple aspects of the local, in an effort to assist teachers in their teaching do. In general, the didactic guide achieved the proposed objectives, in order to be a resource for teaching and reveal the fair Ver-o-Peso as a knowledge space.

Keywords: Non-formal education space. Local of knowledge. Interdisciplinarity.

¹ Licenciada em Ciências Naturais com habilitação em Biologia. Mestre do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. Pará, Brasil. E-mail: gleycethamirys@yahoo.com.br

² Licenciada em Ciências Biológicas. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. Pará, Brasil. E-mail: nivvia.bio2015@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. Pará, Brasil. E-mail: nadiamsf@yahoo.com.br

Introdução

As escolas estão percebendo a necessidade de mudanças, no sentido de constituir ambientes mais agradáveis e prazerosos para a educação. E, também, em favorecer a compreensão de que os conteúdos apresentados em sala de aula podem e devem estar em consonância com o mundo exterior à escola. Assim sendo, os alunos precisam vivenciar os conhecimentos. E, para isso, a experiência e o contato com a realidade tornam-se essenciais para o processo de ensino e de aprendizagem.

É nesse contexto, que os espaços não formais podem se constituir ambientes de aprendizagem capazes de resgatar saberes científicos, na medida em que possibilitam vivências que tornam o conhecimento científico mais próximo do cotidiano dos alunos (SILVA; MENDES, 2014). Em um passado recente, a educação formal, em espaços não formais, acontecia de maneira muito tímida, inclusive no Brasil (MARANDINO, 2009; KRASILCHIK, 2008). Entretanto, hoje, os professores reconhecem que

[...] as práticas educativas ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, não-formais, informais. Elas acontecem nas famílias, nos locais de trabalho, na cidade e na rua, nos meios de comunicação e, também, nas escolas (PIMENTA, 2002, p. 29).

Sabemos que a educação não acontece apenas no âmbito escola (GHANEM; TRILLA, 2008; GOHN, 2006; JACOBUCCI, 2008). E, nesse sentido, os espaços educativos não formais colaboram com o processo de ensino e de aprendizagem, notadamente quanto à possibilidade de uma abordagem interdisciplinar (MACIEL; CASCAIS; FACHÍN-TERÁN, 2012), promovendo a integração dos conhecimentos e apreensão crítica da realidade. Portanto, as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas precisam ser auxiliadas com alternativas, a exemplo da educação em locais distintos do espaço escolar (MARANDINO, 2009), no sentido de “[...] abrir janelas para o conhecimento e ainda tornar os estudantes cidadãos do mundo, no mundo” (GOHN, 2006, p. 29).

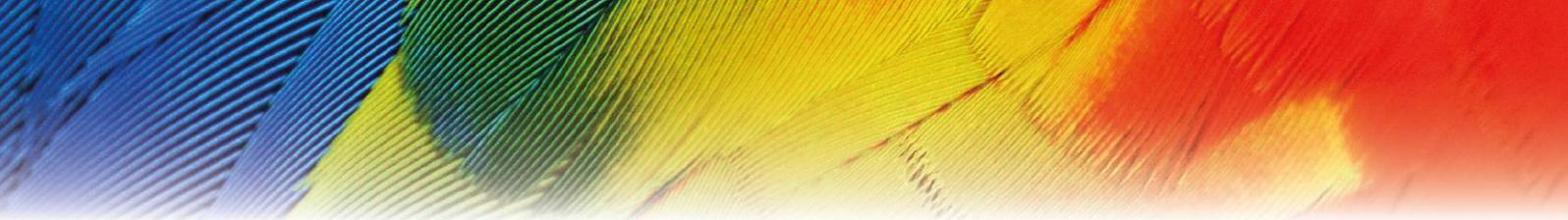
A escola, como já referido acima, não representa espaço exclusivo para acontecer o processo de ensino e de aprendizagem. Assim entendendo, o presente estudo orientou-se pela seguinte questão: em que termos, a feira do Ver-o-Peso pode se constituir espaço não formal e interdisciplinar de educação, na materialização de um guia didático? Propomo-nos, neste texto, apresentar os aspectos relevantes da nossa experiência de constituição de um guia didático para a feira do Ver-o-Peso, no contexto de um processo colaborativo e integrativo de professores e de alunos de uma escola da educação básica.

Nesse sentido, justificamos nosso empreendimento, a partir de três pontos, a saber: (1) importância da feira como um local de conhecimento, com sua riqueza histórico-cultural, diversidade social e econômica; (2) carência de estudos e/ou proposições sistematizadas, na área educacional, para a feira do Ver-o-Peso; (3) necessidade de constituição de um guia didático, na apreensão dos múltiplos aspectos do local, de modo a auxiliar professores no seu fazer docente. Ademais, Freitas e Freitas (2015) ponderam sobre a importância da feira do Ver-o-Peso como espaço singular, permeado por aspectos objetivos e subjetivos, e consideram pertinente a produção de um produto didático. Certamente, para lançarmos um olhar privilegiado sobre o/no local, no sentido de apreensão dos seus múltiplos contextos.

Referências iniciais a elaboração do guia didático

No levantamento de referenciais bibliográficos, evidenciamos a existência de um guia etnográfico de visita para a feira do Ver-o-Peso, voltado aos turistas (CARVALHO, 2011). E, segundo Marandino (2004, p. 5), o “[...] guia didático será diferente de um guia de visita”, pois a elaboração do primeiro possui um público específico, ou seja, alunos; já o segundo, destina-se àqueles que desejam realizar uma visita ao local, independentemente da sua condição (alunos ou não).

Assim sendo, compreendemos que os guias, no que diz respeito especificamente ao seu conteúdo, precisam estar adequadamente fundamentados, com textos que se refiram aos vários aspectos do local e, ainda, com fontes fidedignas. Os espaços não formais de educação, de um modo geral, apresentam uma polissemia de objetos de estudo e, neste sentido, uma abordagem interdisciplinar é pertinente. Assumimos, no contexto da pesquisa realizada, ideias propostas por Fazenda (2003), notadamente aquelas que se configuram como uma “vivência interdisciplinar” do local, no sentido de apreendê-lo como espaço de conhecimento, não de uma dada disciplina, especificamente; mas, reconhecendo-o como um espaço de múltiplas potencialidades disciplinares.



Também, para subsidiar nosso empreendimento, recorreremos à Marandino (2004), que publicou um guia didático para a visitação de um espaço não formal institucionalizado. Assim, na constituição do guia didático, e considerando aspectos mencionados pela supracitada autora, destacamos como essenciais as seguintes etapas: (1) escolha do local para visitação e seleção dos pontos de visitação; (2) delimitações das sessões do guia; (3) organização de conteúdos/temas a serem abordados; (4) seleção de imagens; e (5) propostas de atividades.

A delimitação do local e dos respectivos pontos de visitação requer pensar qual a importância do espaço? Que características interessantes podem ser destacadas? Quais dessas características, nos contextos disciplinares, são importantes? Tais características podem ser organizadas em seções no documento?

Definidos esses aspectos, a próxima etapa diz respeito a uma abordagem teórica, com a finalidade de resgatar os conhecimentos já tratados por pesquisadores, com a perspectiva de complementar/ampliar os conhecimentos do professor, instrumentalizando-o para adequada abordagem ao espaço. Inclusive, favorecendo desdobramentos para melhor adequação da visitação ao local e da realidade dos estudantes.

Neste ponto, ponderamos que a seleção de imagens (fotografias e ilustrações), para o guia, é uma etapa tão importante quanto as demais. A imagem maximiza o processo de ensino e de aprendizagem, na medida em que situa o professor com imagens do local, para que o mesmo consiga estabelecer relações com o texto do guia. Além do mais, em “[...] um universo de múltiplas e contínuas possibilidades colocadas ao olhar, as imagens [...] estabelecem para si um campo de visibilidade privilegiado” (GOMES, 2013, p. 6).

Percurso metodológico

A abordagem da pesquisa fundamentou-se na perspectiva qualitativa (OLIVEIRA, 2014). Recorreremos à pesquisa-ação-participante, uma “[...] proposta metodológica inserida em uma estratégia de ação definida, que envolve também seus beneficiários na produção do conhecimento” (GABARRÓN; LANDA, 2006, p.113); tais beneficiários estavam representados por professores e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Bernardo da Silva, do município de São Francisco do Pará, estado do Pará, da qual uma das pesquisadoras (primeira autora deste relato) também é professora. Assim, ouvir os sujeitos da pesquisa, interagir com eles, no sentido de proporcionar trocas férteis, representou a base para a elaboração final do guia. Assim, os dados, constituídos em todo o processo, foram submetidos à análise interpretativa (CRESWELL, 2010), para apropriada construção do guia.

O processo de realização do trabalho foi dividido em dois momentos. O primeiro correspondeu ao processo de elaboração do guia, pela pesquisadora, com o desenvolvimento de pesquisa bibliográfica e, também, de pesquisa exploratória de campo. A pesquisa bibliográfica consistiu de leituras de artigos científicos, dissertações, teses e livros de autores que abordavam aspectos diversos da feira do Ver-o-Peso, além de leituras sobre os seguintes temas: espaços não formais de educação, interdisciplinaridade e elaboração de guia didático. Por sua vez, a pesquisa exploratória de campo correspondeu à visita ao local da feira, precisamente para a recolha de elementos para a constituição do referido guia, e buscou, em última instância, (re)conhecer o objeto, nos termos de Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998). Para tal, realizamos observação direta, entrevistas com feirantes e registros fotográficos. Esse primeiro momento balizou a elaboração do guia, em sua primeira versão.

O segundo momento, representou o processo de avaliação do produto, a partir da efetivação das seguintes etapas: leitura do guia pelos professores com sugestões (segunda versão do guia), visitação a feira do Ver-o-Peso por parte dos alunos (25 alunos do 9º ano) acompanhados pelos professores da escola de diferentes componentes curriculares (ciências, geografia, história, matemática, estudos amazônicos, artes e língua portuguesa); os professores foram municiados pelo referido guia, na condução da visita a feira do Ver-o-Peso. Todos os aspectos relativos ao processo de visitação foram registrados em diário de campo.

Ainda em continuidade ao segundo momento, mas agora no ambiente escolar, promovemos uma discussão geral com os alunos e os professores sobre a atividade, o que também foi passível de registro. Levantamos algumas informações a partir da aplicação de questionários e da solicitação da construção

de narrativas sobre a visitação, tanto junto aos alunos como junto aos professores. De posse desse conjunto de elementos, procedemos   releitura do guia, acolhendo sugestões e realizando adequa es, para, por fim, dar por concluído a constru o do guia (versão final).

Experiências de elabora o de um guia didático para a feira do Ver-o-Peso

O guia didático “Feira do Ver-o-Peso: um espaço não formal e interdisciplinar de educa o” foi proposto com a inten o de apreender os múltiplos aspectos do referido local, na perspectiva da interdisciplinaridade, constituindo-se aporte teórico e metodológico para visita o. O guia foi dividido em cinco sessões, a saber: (1) a história do Ver-o-Peso; (2) a localiza o, a economia e a territorializa o da feira do Ver-o-Peso; (3) as encantarias e a farmacologia da feira do Ver-o-Peso; (4) a arte marajoara; e na última sessão (5), foram apresentadas propostas de atividades para o professor (levantamento das características da *Belle  poque*, indica o da rela o do rio com os modos de vida, percep o das formas geométricas dos seus vários ambientes, conhecimento das propriedades medicinais das ervas comercializadas no local, observa o dos contextos sociais, análise da música “Belém Pará Brasil/Mosaico de Ravena”⁴, que fala da destrui o da feira em nome da modernidade), inclusive com orienta es para serem trabalhadas antes, durante e depois da visita o.

Quatro das cinco sessões do guia foram amplamente ilustradas (excluindo-se a sessão que havia proposi es de atividades), com reprodu es fotográficas diversas, inclusive de ilustra o da feira do Ver-o-Peso, realizadas por Percy Alfred Lau⁵. Também elaboramos mapas, para fins específicos do guia, e fizemos registros fotográficos próprios. E, ao final das sessões era apresentada uma lista das bibliografias consultadas, utilizadas na elabora o do texto das sessões.

Fazemos a seguir, algumas pondera es sobre o processo de visita o, a partir dos registros dos relatos dos professores; estes professores foram identificados pelos componentes curriculares sobre suas responsabilidades. Em linhas gerais, como foi possível perceber na reunião com os professores, o guia didático foi bem aceito pela totalidade dos professores. Algumas contribui es surgiram, e os professores elogiaram a iniciativa e ressaltaram a relevância do material, sob a argumenta o de facilitar a visita o.

Destacamos que a professora de Matemática afirmou que foi a primeira vez que ela visitou a feira do Ver-o-Peso, embora sempre passasse pelo local. Entretanto, não a enxergava como um local privilegiado de conhecimento. Assim como ela, o professor de Artes falou a respeito de morar em Belém, especificamente no bairro da Cidade Velha, próximo a referida feira, e nunca ter levado seus alunos ao local, refletindo sobre a não valoriza o da cultura e da história local.   nesse sentido, que não podemos nos esquecer do seguinte:

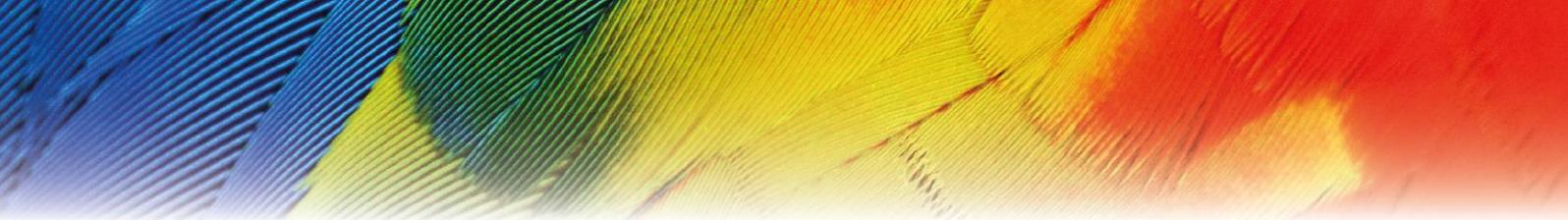
Somos seres humanos, o que aprendemos na e da cultura de quem somos e de que participamos. Algo que cerca e enreda e vai da língua que falamos ao amor que praticamos, e da comida que comemos   filosofia de vida com que atribuímos sentidos ao mundo,   fala, ao amor,   comida, ao saber,   educa o e a nós próprios (BRANDÃO, 2002, p. 141).

Assim, ao considerarmos que a feira do Ver-o-Peso constitui-se espaço que “fala” dos modos de vida, da cultura, da história, das dinâmicas econ micas, reconhecemos, também, que se configura local que espargue conhecimento, multidisciplinar, multirreferenciado, adequado aos propósitos de ensino.

Entretanto, a professora de Estudos Amazônicos ressaltou que a despeito da oportunidade e da riqueza do aprendizado para os alunos, considerava perigoso realizar a visita o face aos noticiários que alertavam sobre a violência no local, sugerindo realizar tal atividade em espaços como o mangal das Garças, localizado, também, na cidade de Belém, espaço com infraestrutura de segurança, que, inclusive, dispõe de monitor, o que facilitaria o trabalho do professor. De fato, a questão da insegurança, hoje,   um ponto importante a ser pensado, dado o cenário de violência instalado no Brasil (WAISELSZ, 2016).

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wyLmV4zAcUg>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

⁵ Percy Alfred Lau, desenhista que se dedicou a fazer ilustra es de paisagens, tipos humanos, hábitos regionais, folclore, comportamento do povo brasileiro, o cotidiano de várias cidades e vilarejos, entre outros aspectos; a reprodu o da ilustra o da feira do Ver-o-Peso encontram-se disponível em: <<http://www.consciencia.org/wp-content/uploads/2011/07/tmp6159-1.jpg>>. Acesso em: 15 jan. 2017.



Como contraponto a observação da professora acima citada, o professor de Ciências argumentou que levar os alunos somente em locais onde exista a presença de monitores, não é a única opção de educação em espaços não formais, principalmente ao considerarmos que temos tantos lugares na cidade de Belém, cheios de história e de expressões culturais. De fato, tal observação é corroborada por Rocha e Terán (2010), ou seja, há uma diversidade de espaços não formais que se configuram como espaços de conhecimento. Reconhecemos, nesse ponto, que não podemos conceber que “[...] o trabalho pedagógico se reduza ao docente na escola” (PIMENTA, 2002, p. 29), pois estaremos fadados a não contribuir para uma formação que revele e desvele o mundo.

E, continuando suas observações, o professor referiu que a violência, disseminada em todo o país, não pode nos imobilizar e impedir que nossos alunos vivenciem o que o guia propõe – uma experiência de pesquisar e de aprender em um local diferente da escola. Mas, o referido professor acrescenta que há que se pensar nos aspectos que garantam a segurança de alunos e de professores nessas atividades externas a escola. Mesmo porque, não devemos nos esquecer da responsabilidade legal das escolas e de seus atores educacionais, em relação aos educandos; inclusive, no que diz respeito à segurança dos alunos, quer seja no ambiente interno a escola quer seja em outras hipóteses (CURY; FERREIRA, 2010).

Podemos referir que o processo de visitação transcorreu de forma tranquila, com o envolvimento expressivo dos alunos e condução consoante com o guia, por parte dos professores. Todo o itinerário proposto no guia foi seguido. Os alunos interagiram como os comerciantes, indagando-os sobre suas atividades e produtos vendidos. Por sua vez, os professores realizaram a interlocução entre conhecimento-espaco, de modo que os alunos mostraram-se atentos a cada característica destacada.

Muitos aspectos da visitação foram realçados, destacamos aqueles presentes nas narrativas de dois alunos (identificados pelas três primeiras letras do nome, acrescidas das primeiras letras dos sobrenomes, com objetivo de resguardar suas identidades), assim descrito:

O mais importante foi ter conhecido um pouco da história do Ver-o-Peso [...]. Gostei das peças criadas por eles [com traços marajoaras] [...] são peças que têm histórias [...] (JAQ-RS);

A visita ao Ver-o-Peso pra mim foi inesquecível porque é uma vista de se impressionar como em um pequeno pedaço de barraca. Eles conseguem trazer a cultura do interior, ou melhor, um pedaço do nordeste paraense como a mandioca, o tapitis, suas artes culturais, ervas [...] foi uma despertada de vida sobre a cultura paraense (ELI-OC).

As observações de Gohn (2010, p.19) retratam os aspectos acima apresentados, a saber:

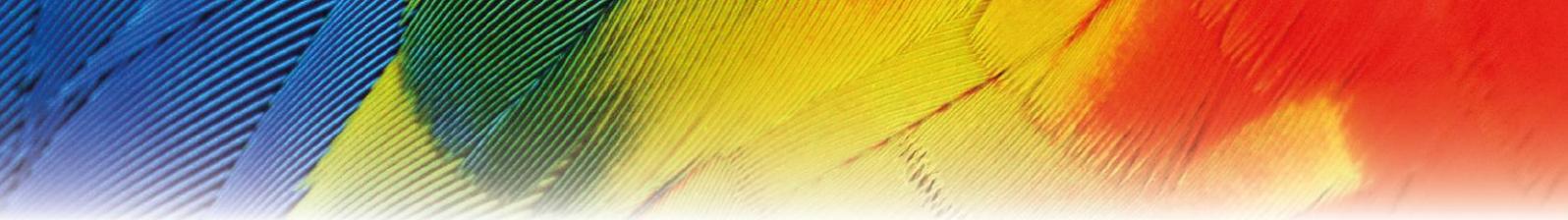
A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.

É nesse contexto, que cabe ao professor perceber as potencialidades dos espaços não formais de educação, para, assim, utilizá-los no seu fazer docente.

As atividades pós-visitação culminaram na produção de um jornal, por parte dos alunos, com textos, ilustrações, gráficos e desenhos. Foi possível perceber que as manifestações dos alunos foram diversas e sempre positivas; inclusive com produção de texto, ilustrações, gráficos, desenhos.

Com relação às narrativas dos professores, destacamos uma delas, precisamente da Professora que leciona a disciplina Língua Portuguesa, por reunir aspectos importantes da realização do trabalho, a saber:

A visita [...] foi muito importante para o ensino-aprendizagem dos alunos. Primeiro porque são alunos do interior e ficaram encantados ao se deparar com um lugar que tem tudo para vender desde confecções, alimentos e ervas medicinais. Segundo porque os alunos puderam apreender [no sentido de lembrar] a história de nosso



estado [...], visualizando aonde exatamente os primeiros ‘habitantes ou comerciantes’ chegavam, para ali vender seus produtos extraídos de suas lavouras. Com tudo isso, [percebemos] a disposição de aprender de nossos alunos [...]. Enfim, foi maravilhoso presenciar o encanto dos discentes.

Outros docentes manifestaram-se semelhantemente a referida professora, quanto à importância do guia didático, notadamente na orientação da visita de um espaço não formal e não institucionalizado, como a feira do Ver-o-Peso – um local não pensado anteriormente para fins de ensino, inclusive, em uma perspectiva interdisciplinar, conforme ponderaram os professores.

Considerações Finais

O presente trabalho constituiu-se experiência ímpar, na medida em que as propostas contidas no guia didático alcançaram os objetivos propostos e, de certo modo, superaram as expectativas junto aos professores e aos alunos da educação básica. Ao mesmo tempo, a elaboração do guia nos trouxe algumas inquietações, no sentido de representar uma ação de muita responsabilidade, pois estávamos propondo uma atividade educacional que tinha o objetivo de auxiliar professores e alunos a compreender melhor a feira do Ver-o-Peso, no contexto dos conteúdos do ensino fundamental, como todas as suas singularidades e interlocuções.

Vivenciamos a feira do Ver-o-Peso! E, em cada atividade referendada pelos professores e alunos, experimentávamos satisfação, no sentido de “missão cumprida”. Professores e alunos se mostraram proativos no processo de visita e posteriormente a ela. Acreditamos, mediante as considerações feitas, que o guia proposto possa ser utilizado em qualquer realidade das escolas públicas do estado do Pará, o que não exclui a possibilidade de adequações. Neste ponto, destacamos que existem, dentro da cidade de Belém, outros espaços não formais, em potencial, para uma visita com alunos. Tais espaços constituem-se, também, locais de conhecimento.

Referências

- ALVES-MAZZOTI, A. J. GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CARVALHO, L. **Ver-o-Peso**: guia da exposição. Belém: SETUR, 2011 (Catálogo etnográfico e Guia).
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CURY, C. R. J.; FERREIRA, L. A. M. Justiciabilidade no campo da educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 26, n. 1, p.75-103, 2010.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- FREITAS, N. M. S.; FREITAS, N. M. S.. Educação em espaços não formais: a produção de um roteiro científico para o Mercado do Ver-o-Peso. **Revista Areté**, Manaus, v. 8, n.17, p. 95-106, 2015.
- GABARRÓN, L. R.; LANDA, L. H. Pesquisa participante: a partilha do saber. In: STRECK, D. R. (Org). **O que é pesquisa participante?** Aparecida, SP: Ideias&Letras, 2006. p. 113- 125.
- GHANEM, E.; TRILLA, J. **Educação formal e não-formal**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.
- GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, 2006.
- GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, Uberlândia, v. 7, p. 55-66, 2008.
- KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. São Paulo: Edusp. 2008.
- MACIEL, H. M.; CASCAIS, M. G. A.; FACHÍN-TERÁN, A. . Ponte sobre o rio negro: um novo espaço educativo não formal em Manaus, AM, Brasil. **Revista Areté**, Manaus, v. 5, p. 108-116, 2012.
- MARANDINO, M. **Memória da biologia na cidade de São Paulo**: guia didático. São Paulo: FEUSP, 2004.
- _____. Museu como lugar de cidadania. In: BRASIL. **Museu e escola**: educação formal e não-formal. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2009. p. 8-9. (Salto para o futuro, n. 3.).
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: 2014.
- PIMENTA, S. G. (Org.) **Pedagogia**: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.
- ROCHA, S. C. B.; TERÁN, A. F. **O uso de espaços não-formais como estratégia para o Ensino de Ciências**. Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2010.
- SILVA, D. S.; MENDES, R. R. L. Preparação do guia didático Trilha histórico-ecológica no Museu da Vida por licenciandos em biologia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ: buscando a emoção e a reflexão dos alunos. **Revista da SBENBIO**, São Paulo, n. 7, p. 1474-1482, 2014.
- WAISELSZ, J. J. **Mapa da violência 2016**. Homicídios por armas de fogo no Brasil. Brasil: FLASCO, 2016.